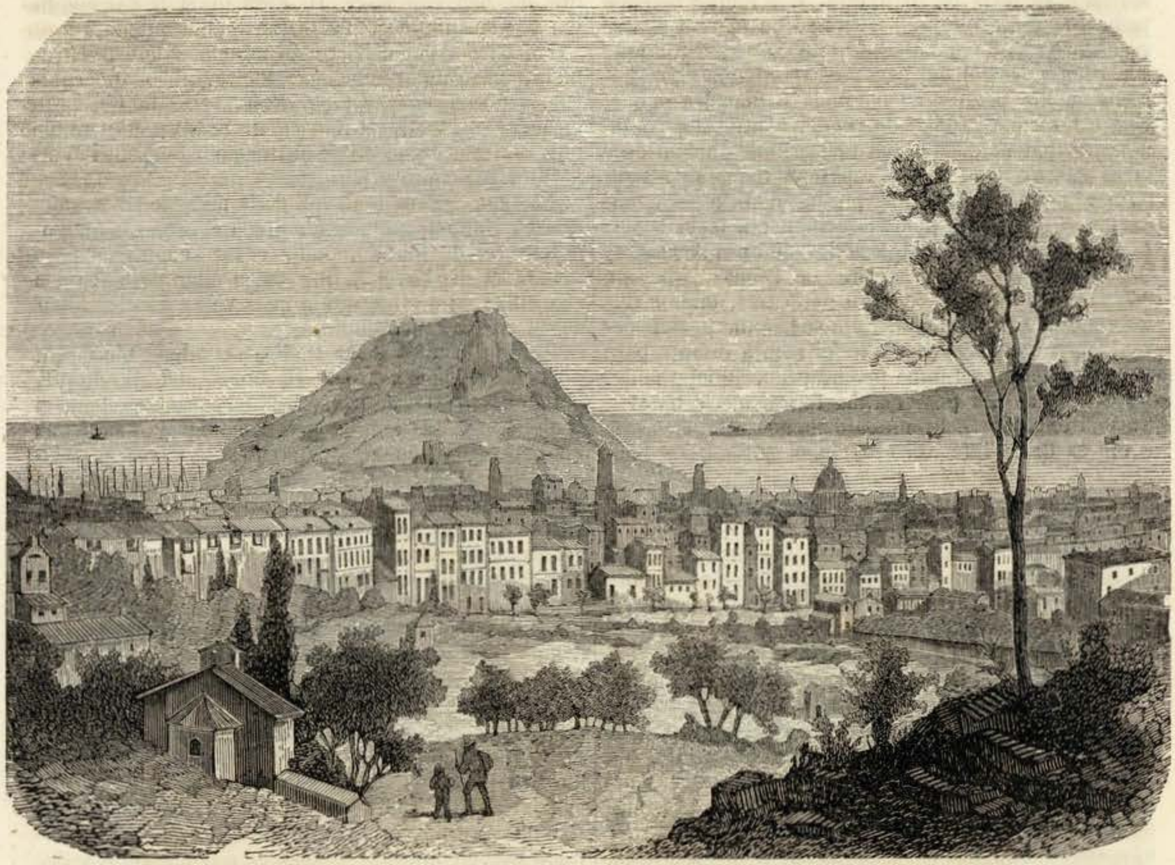


A cidade de Niza ou Nica

Menina e moça me levaram de casa
de meus paes para longes terras.

SAUDADES DE BERNARDIM RIBEIRO

Esta linda cidade dos estados sardos passou, este anno, para o dominio da França, pelo tratado de 24 de março. E por decreto imperial de 27 de junho foi elevada á categoria de capital do novo departamento dos Alpes-Maritimos.

Isto sabem-no todos pela leitura dos periodicos; mas o que muitos ignoram é que Niza foi a *longe terra* para onde, *menina e moça* (16 annos) *levaram de casa de seus paes* a esbelta e formosa infanta D. Beatriz, filha do poderosissimo rei D. Manuel, e segundo a tradição immemorial, requestada do mavioso poeta Bernardim Ribeiro, o apaixonado cantor das *Saudades*.

Com quanto a historia escripta seja muda a respeito d'esta paixão do poeta, pela graciosa infantinha D. Beatriz, a tradição nunca foi interrompida, e sobre ella se fundou o *Auto de Gil Vicente*, drama com que Almeida Garrett abriu a epocha do renascimento do nosso theatro.

O profundo sabedor de antiguidades nacionaes, o sr. Alexandre Herculano, inclina-se a crer que a tradição tem fundamento, e para dar peso ás suas conjecturas, já elle exhibiu o extracto de um codice do seculo XVI, existente na bibliotheca del-rei, escripto naturalmente por algum dos que foram na armada que levou a infanta a Saboya, o qual completa a noticia que nos deixou Garcia de Resende, do embarque da princeza, ate sair a barra de Lisboa sómente.

Eis como esse tal, depois de referir que el-rei D. Manuel, para conduzir a noiva sua filha a Saboya, ordenára uma mui boa armada de naus, galeões, caravelas e galés, com muitos fidalgos honrados, e mui luzidos de muitos collares e chaparias, conta o desembarque da infanta no porto de Villafranca de Niza:

«E um domingo e a segunda feira, dia de Nossa Senhora das Neves do anno de 1521, fizeram mostra muitos fidalgos; e a infante, duqueza de Saboya, embarcou esse dia, que eram 5 de agosto, na nau Santa Catharina do Monte Synai, nau de 700 toneis, muito formosa, e dentro, todas as camaras da infante pintadas de oiro, e forradas de bordos. El-rei e a rainha a acompanharam até dentro da nau, e a infante D. Isabel, sua irmã, ficou aquella noite com ella, e dormiu. Ao outro dia foi lá el-rei e a rainha, e deram sarau, e trouxeram comsigo a infante D. Isabel, despedindo-se todos da infante D. Beatriz, que não foram poucas as lagrimas dos despedimentos. Ao outro dia, que era quarta feira, partiu do porto de Lisboa com esta frota, a saber: a nau Santa Catharina, capitaina, e o conde de Villa Nova por guarda da infante, e capitão mór da frota. O arcebispo de Lisboa na nau Victoria Nova, de 700 toneis. E 11 naus outras de 400, 200 e 150 toneis. E 3 galeões de 150 toneis. E 12 caravellas veleiras. E 4 galés e 2 bargantins. E 200 homens, com muita artilheria, armas, e instrumentos de folgar. Assim

correram o mar; e a um domingo, dia de S. Miguel de setembro do anno de 521 chegaram a Villafranca de Niça, porto do duque de Saboya, á uma hora depois do meio dia. E assim das naus como da villa se fez grão festa de artilheria. E o duque mandou pedir á infante que não dormisse na nau; e ella se escusou de sair por aquella noite; e vendo o duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentishomens, e lhe pediu que em toda a maneira saisse. Ella o fez por conselho do conde, contra sua vontade e de todos; e saiu com tochas, onde achou doze facas guarnecidas, para si e para as damas, e alguns chibaos [1] para os fidalgos, porque d'alli a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima, era meia legoa; e ahi foram ter. E a duqueza de Namuns *(Nemours)* irmã do duque e mãe del-rei de França, que ahi estava, saiu fóra ao terreiro das casas, onde o duque pousava, a recebel-a, e ahi se fizeram grande ceremonia e cortezia. E d'alli foi com a infante para dentro, e assim a rainha por hospeda, aquella noite.

«Ao outro dia pela manhã foram ouvir missa a um mosteiro de S. Domingos, pegado com as casas; e um cardeal, que ahi era, disse missa e os benzeu.»

O retrato que o auctor faz do noivo, Carlos III de Saboya, é curioso. Eil-o:

«O duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rosto comprido, e feio de todo. Tem um hombro mais alto que o outro, e é um pouco azumbado [2], e as pernas delgadas, e muito prudente. A este casamento eram vindos um cardeal e tres bispos, e um marquez, e tres condes, e logo se tornaram. Em Niça estiveram 8 dias, nos quaes alguns justaram, e o duque deu banquete aos portuguezes; e a cabo dos 8 dias partiu com a infante para Piemonte, e á partida a infante se achou só em uma faca, com dois moços de estribeira; e como ia de cá costumada de andar de outra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer senão tornar-se ás lagrimas, porque a mór parte dos portuguezes eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir a quizeram acompanhar, não o consentiram, que assim lhes era ordenado do duque. E ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes pozeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem ávante. As damas iam em chibaos de aluguer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia de homem, caindo a cada passo por seguir a infante, pranteando e chorando sua orphandade, e a pouca honra e gasalhado que dos saboyanos recebiam; e dizendo d'elle (duque) muitas pragas, e a pouca honra e gasalhado com que as tratava.

«A armada partiu de Villafranca para Portugal, e vindo da costa de Granada, adoeceu o arcebispo de Lisboa, e se deixou ficar em Gibraltar, onde falleceu; e toda a frota chegou a Lisboa a salvamento a 5 de dezembro de 1521.»

Por boa inducção se attribuem estes maus modos do duque de Saboya, para com os cavalleiros portuguezes, a desconfiar o homem que entre elles fosse Bernardim Ribeiro, que era moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, e capitão-mór das armadas da India. O sr. de Vallaison, confidente e embaixador do duque em Lisboa, para tratar d'este casamento, naturalmente lhe tinha mandado dizer que havia por cá moiro na costa, visto que a paixão de Bernardim Ribeiro não era muito encoberta, segundo dá a entender Manuel de Faria e Sousa.

O certo é que este casamento foi muito do desagrado dos portuguezes; e tanto que Damião de Goes na «Chronica del-rei D. Manuel» diz: «No tempo em que se fez este casamento da infanta D. Beatriz com D. Carlos duque de Saboya, e ainda n'este presente (1567, 46 annos depois do consorcio da infanta) ha ahi muitas pessoas que dizem que o duque, nem em geração, nem em estado, tinha calidades para que lhe houvesse el-rei D. Emmanuel de dar sua filha por sua mulher, posto que fosse segunda.»

Foi para tapar a bocca ao mundo, que este chronista, que era grande genealogico, abriu um capitulo especial na chronica del-rei D. Manuel para estender a genealogia da casa de Saboya, mostrando que era mui digna de se entroncar com a de Portugal por sua nobreza antiga.

Não convencem as razões de Damião de Goes, porque D. Manuel, que era n'aquella epocha o mais poderoso rei do mundo, podia casar sua filha com o maior rei da Europa, que todos elles desejavam a sua alliança; e tanto que a mais velha de suas filhas casou com o imperador Carlos V.

Porque foi pois casar D. Beatriz, ainda tão moça, pois tinha pouco mais de 16 annos, com um duque, embora reinante, de um estado mesquinho, e homem repugnante, segundo nos diz o codice que acima apontámos, sendo D. Beatriz *a mais formosa princeza que se podia dizer*, como affirma o citado auctor coevo?

Não será mais procedente suppor-se que a infanta correspondia ao amor do poeta, e que o rei, para atalhar o crescimento da paixão, se apressára a casal-a com o saboyano?

Que a gentil princeza casára contra sua vontade, dizem-no as lagrimas que vertêra desembarcando em Niza, vendo o marido que lhe tinham destinado; os dissabores que passou por haver aconselhado ao duque seu esposo a alliança com o imperador Carlos V contra Francisco I de França; e ter morrido muito moça, com 34 annos (no de 1538), na mesma cidade de Niza, onde desembarcára, e jaz sepultada, segundo nos dizem, porque não encontrâmos memoria d'isso.

Dêmos agora uma breve noticia d'esta cidade, representada na estampa que tem reproduzido todos os jornaes pittorescos da França, festejando a sua annexação ao imperio.

A Nizza italiana, Nice dos francezes, Niza ou Niça em portuguez, foi desde tempos immemoriaes um condado da casa de Saboya, soberana do Piemonte. Foi tomada em 1744 pelos exercitos alliados de França e Hespanha, mas pouco depois restituida ao rei da Sardenha. Bonaparte conquistou-a em 1792, mas a França restituiu-a ao Piemonte pelo tratado de Vienna depois da paz geral. Ultimamente Victor Manuel a cedeu á França, em consequencia dos ajustes da paz de Villafranca, cujas consequencias ainda se não sabe até onde irão...

Niza tem uns 120 kilometros de comprimento, e 90 de largura. Está recostada aos Alpes nas costas do Mediterraneo, cujas brisas a refrescam. A temperatura, até nos mezes de inverno, é deliciosa, por isso alli concorrem muito os estrangeiros que padecem do peito, como á nossa ilha da Madeira; principalmente os russos e os inglezes, que avultam mais em Niza que os italianos e francezes. Chamam-lhe a Italia em miniatura, não só pela doçura do seu clima, mas porque possue todas as maravilhas da vegetação, em flores e fructos. Tem um excellente porto de mar, Villafranca, em cuja bahia ha sempre muitas embarcações estrangeiras.

Se deve muito á natureza, Niza deve pouco á arte.

Conserva ainda as ruinas de um castello da edade media, cujas muralhas resistiram á rapacidade de Barbarrôxa. Edificios notaveis tem apenas a cathedral, o palacio do governo, a bibliotheca publica, e o arco de triumpho levantado em honra de Victor Amadeo III.

[1] Chimbéos, sendeiros, rocins mancos.
[2] Corcovado.

Reside n'esta cidade, com grande estado, a viuva do imperador Nicolau, e mãe do actual autocrata da Russia, a qual padece ha vinte annos um tremor nervoso, e tem melhorado n'este clima. Affonso Karr, o celebre folhetinista francez, tambem alli habita ha tempo, feito jardineiro e hortelão, sem comtudo haver abandonado a penna pelo sacho. Tem restaurado a horticultura e a jardinagem, que achou atrazadissimas em Niza, expondo á venda os productos das suas terras, n'um armazem a cuja porta poz este exotico letreiro: ***Alphonse Karr, jardinier.***

Em Niza nasceu o heroe do dia, o dictador Garibaldi, cuja dissidencia com o rei da Sardenha provém d'este lhe ter entregado a patria ao dominio francez.

A casa em que n'esta cidade costumava residir Garibaldi, foi comprada, ha pouco tempo, pelo conde Vigier, marido da celebre cantora italiana Cruvelli, pela avultada quantia de 30:000$000 rs.

Felizes os senhorios que tem taes inquilinos!

Por ultimo notaremos aqui uma circunstancia que nunca vimos ponderada. O cognome de Manuel que tem o actual fautor da independencia da Italia, o rei da Sardenha, provém-lhe do casamento da infanta D. Beatriz filha del-rei D. Manuel, com o duque Carlos de Saboya, avô de Victor Manuel.

Percorrendo nós a serie dos duques de Saboya, e reis do Piemonte, só depois de tal consorcio é que lhes encontrâmos este cognome.

Foi para perpetuar o parentesco glorioso que a casa de Saboya havia contrahido com o famoso monarcha portuguez, que elles adoptaram este cognome.

Victor Manuel, hoje imperante de quasi toda a Italia, é neto do antigo senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia, da India e da America, D. Manuel rei de Portugal.

Nenhuma sciencia ha melhor, que aquella pela qual o homem se conhece a si proprio. Que te aproveitam as coisas que escreveste, lêste ou entendeste, se te não leres e entenderes a ti mesmo?

O FURÃO E O TOURÃO

O coelho, com ser um animalsinho mui timido, domesticavel, e saboroso para guizados, faz grandissimo damno ás sementeiras, porque é um roedor voraz; e tambem nocivo ás raizes, porque habita e faz criação em tocas subterraneas. Dizem que cada anno abre uma nova.

Como é animal mui fecundo, se não se lhe désse caça, inçaria os campos de sorte que nenhuma sementeira iria ávante.

Por isso a industria do homem buscou dois animaes que penetrassem nas tocas do coelho, para assim exterminar tão damninho roedor.

Estes dois animaes são o furão e o tourão.

Pertencem ambos á ordem dos mammiferos carniceiros, e ao tronco dos vermiformes, juntamente com a fuinha, a marta, a doninha, o arminho etc.

O tourão, que entre nós tem o nome vulgar de sacarrabo, denomina-se tambem foeta, ou doninha fétida.

O tourão tem o corpo mui flexivel e alongado, coberto de pello cinzento, amarellado pelo ventre; a cabeça achatada, com focinho agudo, olhos pardos, orelhas pequenas e redondas; a cauda curta, negra e felpuda; tendo por baixo dois folliculos ou glandulas que segregam um humor oleoso mui fétido, que verte quando o animal se irrita, tornando-se então insupportavel o mau cheiro. É singular que o gato de algalia tem as mesmas glandulas, mas segregam um humor mui cheiroso que serve para perfumarias.

O tourão nasce nas regiões temperadas; nas do norte e nas do meio-dia são raros estes animaes. Vivem em logares pedregosos, posto que tambem se encontrem na margem das lagoas. No verão habita pelos troncos carcomidos das arvores, nas tocas dos coelhos que afugentou ou comeu, e tambem pelas lapas dos rochedos. Quando chega o inverno, o tourão vem para o povoado, e mette-se clandestinamente nas granjas e nos palheiros. Todo o anno dorme este animal de dia, e só de noite é que sáe para buscar o sustento. Corre com muita ligeireza, e trepa ás arvores para se livrar dos cães; mas se elles o assaltam de subito, com as garras se defende corajosamente.

Mais ardiloso que a fuinha, o tourão trepa aos mais altos muros para ir assaltar as capoeiras, coelheiras e pombaes. Tambem não perdoa aos ninhos das perdizes, das cotovias, das codornizes e outras aves. Gosta, porém, mais de sangue e de miolos que da carne. É mui guloso de mel, pelo que de inverno faz grande estrago nas colmêas.

Apesar de tudo isto, o tourão tem, como dissemos, o prestimo de destruir um grande numero de especies nocivas á agricultura, mórmente os mammiferos roedores. O meio mais simples de diminuir a praga dos coelhos nas terras onde elles multiplicam muito, é estabelecer ahi uma familia de tourões, porque em pouco tempo se lhe acabará a casta.

É o unico prestimo que tem este fedegoso animal. A pelle tem pouco valor, porque é difficil tirar-lhe completamente o mau cheiro; e a carne é tal que nem os cães lhe pegam. Ha differentes meios de o caçar tambem, para livrar d'elles os celleiros e a criação.

O furão differe muito pouco do tourão; é talvez uma variedade degenerada. Tem egualmente o corpo alongado, porém mais comprido, porque mede os seus 30 a 40 centimetros. O pello é loiro ou melado, o focinho agudo, com dentes tuberculosos assaz desenvolvidos, principalmente no queixo superior. Os olhos são vermelhos.

Ha furões mesclados de ruivo, branco e preto, e tambem completamente brancos. Estes tem os olhos encarnados, e são por consequencia albinos. Por isso o furão passa rapidamente ao albinismo, e até, segundo a observação de alguns naturalistas, acha-se mais vezes n'este estado que no seu natural, a ponto que Linneo e Cuvier lhe dão por caracteristico pello branco amelado e olhos rosados. Tem, como o tourão, pernas curtas, cinco dedos em cada pé, com unhas afiadas.

Será o furão originario do tourão ou doninha fétida? De Blainville julga que sim, á vista da identidade dos esqueletos d'estes dois animaes. Comtudo, esta opinião está ainda longe de ser admittida.

Suppõe-se que o furão é oriundo da Africa; todavia, ainda se não encontrou no estado de selvagem em nenhuma região d'esta parte do mundo. Julga-se que fôra introduzido e domesticado na Europa pelos fins da republica romana. Strabão refere que se mandaram buscar furões á Lybia para extinguir os coelhos que infestavam a Hespanha. N'esta provincia se naturalisaram; em França, porém, não os ha senão domesticos, ou engaiolados para commercio. O furão, por instincto, penetra nas tocas dos coelhos e os mata para lhes sugar o sangue. Todos sabem que os caçadores se aproveitam d'este instincto sanguinario para a caça dos coelhos, que os furões fazem sair das tocas por onde elles se internam profundamente. Muitas vezes o furão, depois de sangrar o coelho, adormece, de sorte que o caçador não vê sair ne-

nhum d'elles, por mais que espere. Fazem então um fumeiro á bocca da toca, mas o furão rompe-a por outro lado e foge. A fim de evitar este inconveniente, costumam açaimal-os, para que não mordam os coelhos, e só os façam saltar para fóra, e venham cair na rede que armam á bocca da toca. O furão serve tambem para desninhar os passaros, porque entra facilmente pelas cavernas das arvores e buracos dos muros.

Costumam criar os furões em pipas destampadas, mettendo-lhes palha ou estopa no fundo. Sustentam-se de pão, sêmeas, leite, ovos, e sobre tudo de sopas de enguia, a que se lançam como gato a bofe. De tempos a tempos dá-se-lhes carne. E tal a gana que o furão tem aos coelhos, que até quando lh'os apresentam mortos, se lança a elles, e lhes ferra o dente. Quando está preso, o furão passa a maior parte do tempo a dormir; comtudo o somno não lhe diminue a voracidade; assim que acorda busca o comer. A femea tem tres partos por anno, de cinco a dez filhos de cada ventre. Os criadores vem vendel-os á praça da Figueira para os caçadores, a doze vintens e tres tostões. Para o mesmo fim se tem querido domesticar a fuinha, porém difficilmente se consegue. Temos em portuguez um ditado que diz: «Não cava de coração senão o dono do furão.»

O HABITO É QUE FAZ O MONGE

I

N'uma casa de campo nos arrabaldes de Paris, e na sala de visitas, estão sentados um velho, um mancebo e uma donzella, todos em volta de um velador junto do fogão, onde crepita vivissimo lume.

A scena domestica, em que estes tres actores vão representar, passa-se n'uma noite de inverno.

O velho toma vagarosamente a sua pitada de tabaco para aproveitar o tempo de reflectir; o mancebo parece estar esperando com anxiedade uma resposta que já lhe tarda; a donzella tem a cabeça inclinada sobre um bastidor, parecendo accelerar o trabalho, mas vê-se que é para encobrir o rubor que de subito lhe assomou ás faces. Finalmente Evaristo, assim se chama o velho, decide-se a fallar, tomando um d'estes ares equivocos ou diplomaticos, que não excluem nem auctorisam, completamente, a esperança.

— Meu caro Frederico, disse elle ao mancebo, aprecio a franqueza da vossa declaração; hei de corresponder, como deveis esperar, com egual franqueza. Julgaes de certo que eu não tenho a pretenção de tomar, para mim só, a honra da vossa assiduidade, ha um anno, n'esta casa.

A estas ultimas palavras de seu pae, um leve sorriso de amor proprio acudiu aos labios da donzella.

— Então annuis ao meu pedido! — exclama o mancebo com um movimento de alegria prematura.

— Perdão... não foi isso que eu disse... vamos mais devagar. Que hajaes tomado calor, e sido tão eloquente em pedirdes a mão de minha filha, não o estranho; Adelaide é assaz formosa para justificar o vosso arrebatamento; mas, se o enthusiasmo vos fica bem, creio que me vae melhor a mim reflectir pausada e tranquillamente.

A physionomia de Frederico annuviou-se repentinamente.

— Sois um brioso e leal mancebo; tenho estudado o vosso caracter; reconheço com satisfação que tendes as qualidades que eu ambicionaria no meu genro; mas os bons sentimentos não bastam para constituir um bom dono de casa. Sem pretender grandes riquezas, entendo, e creio ter acertado, que uma fortuna modesta é a primeira e a mais essencial condição da ventura domestica. Infelizmente não tendes patrimonio nem emprego, porque a profissão que abraçastes...

— Sei o que quereis dizer, interrompe-o Frederico com tristeza. Não tenhaes o incommodo de concluir. Felicitava-me de ter por arbitro da minha sorte um homem de juizo; mas os preconceitos estão mui arraigados e generalisados para que deixem de influir no juizo dos homens superiores; e seria loucura da minha parte procurar vencel-os; resignar-me-hei a ser victima d'elles.

— Não entendestes o sentido da minha objecção. Não tenho a vaidade de me julgar absolutamente superior aos preconceitos; todavia, affirmo-vos que n'este caso estou desprendido de influencias d'essa natureza.

— Não vos esqueceu tambem de me estranhardes que sendo pobre, abraçasse a profissão de litterato, replicou Frederico com acrimonia.

— É verdade.

— E isto porque ha seculos se considera a litteratura inseparavel da pobreza!

— Eis onde vós erraes. Não, meu bom amigo, nunca acreditei o absurdo de que as aguas-furtadas fossem feitas de proposito para os poetas, nem os hospitaes creados para os auctores dramaticos. Se ha ainda pessoas preoccupadas d'esta idéa é só por má fé ou pertinacia. Em todo o caso, não pertenço a esse numero; confesso até, que sem aspirar ambiciosamente a grandes escriptores, acceitaria para marido de minha filha um simples jornalista, cuja posição satisfizesse a minha sollicitude paternal.

— Então, disse o mancebo olhando para Evaristo, muito admirado, não comprehendo o alcance da vossa objecção.

— Eu me explico. Creio, Frederico, que vos não falta instrucção nem talento...

— Senhor...

— Nada de falsa modestia; não vos lisonjeio; digo-vos o que sinto. O vosso talento é assaz para vos grangear reputação. Sois sensato; escreveis discretamente; tendes um estilo gracioso; haveis de agradar ás pessoas de gosto; não sois frio nem egoista; sabeis fallar a linguagem do coração, e é com a linguagem do coração que se commovem, seduzem e electrizam as turbas.

— Então julgaes que triumpharei das platéas?

— Parece-me que sim. Mas é mister fazer-vos conhecido do publico; eis o que é difficil; impossivel talvez para vós!

— E porque, senhor Evaristo?

— Porque entre vós que sois capaz de fazer uma boa comedia, e o publico que a ha de julgar, estão os medianeiros, cuja approvação e sympathia é indispensavel conquistar primeiramente.

— Alludis aos directores dos theatros?

— De certo, visto que fazeis peças; se escrevesseis livros, fallar-vos-hia dos editores, o que todavia não alterava as premissas do meu raciocinio.

— Mas, se tenho talento, obterei necessariamente a sympathia dos directores.

— Sim, quando fordes conhecido, quando tiverdes grangeado nome.

— E lei commum; os auctores mais illustres a ella se tem submettido; em litteratura não se apparece no mundo, senão com um nome já conhecido.

— Mas é necessario adquiril-o, e para isso é mister duas coisas que auxiliem o talento: genio intrigante, que não tendes, e o acaso, que vos póde favorecer como a qualquer. — Mas contar com o acaso, tem o risco de esperal-o muito tempo. Ora,

se eu desejo a felicidade de minha filha, não é para quando o seu coração, mortificado pela impaciencia, não possa já gozal-a; as flores só tem viço e perfume na primavera; no outono são uma illusão... Mas reparo que Adelaide se está enfadando de me ouvir. Aposto que as minhas objecções lhe não parecem demonstradas rigorosamente?

— O que sinto, meu pae, é o desgosto que estaes causando ao pobre Frederico, e confesso-vos sinceramente que d'esse desgosto participo eu tambem.

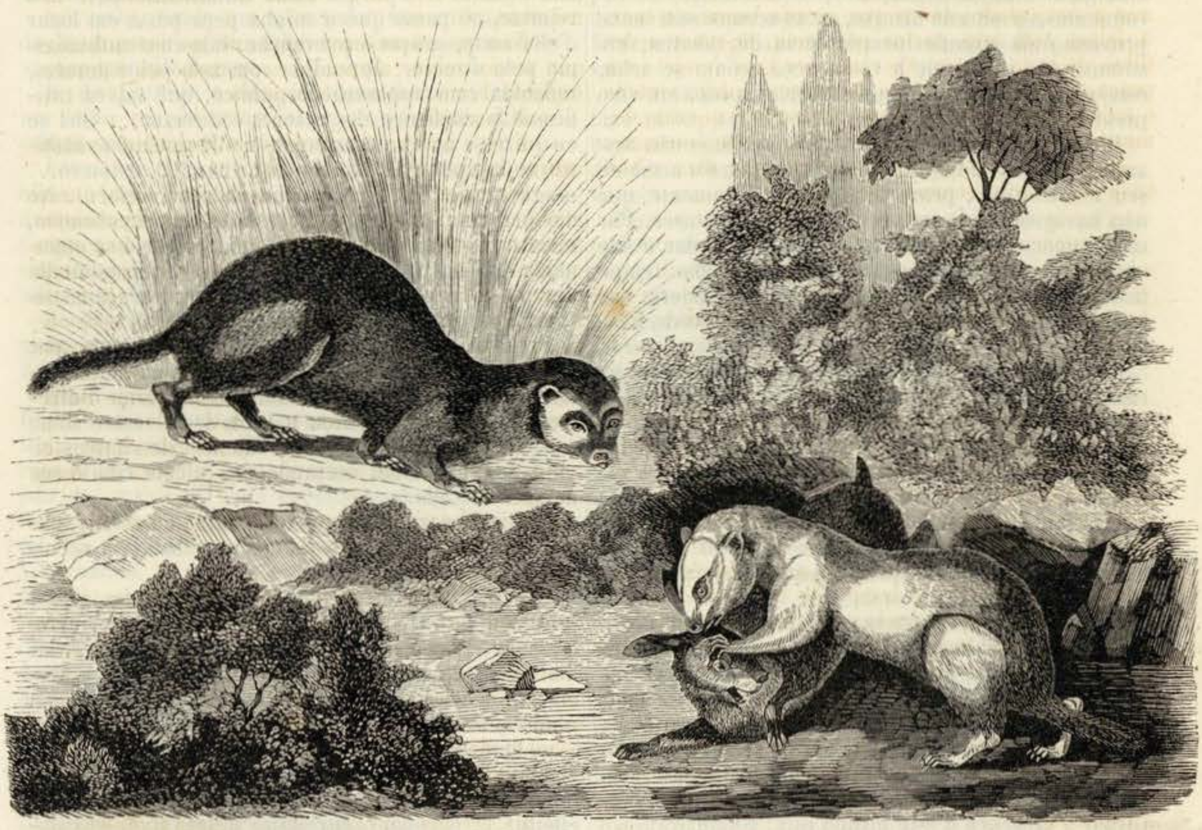
— Oh! meus queridos filhos, replica Evaristo apertando a mão a sua filha, não quero affligir-vos, Deus me defenda! So desejo a felicidade de ambos. Acreditae-me que se eu fôra mais rico, poupar-vos-hia estas objecções; mas, a fortuna que não posso dar á minha Adelaide, desejo que seu marido a possua, ou que esteja em circunstancias de a adquirir. E previno-vos de que esta minha resolução é inalteravel.

— Mas como não acreditaes na minha aptidão... recusaes-me desapiedadamente?

— Tal não disse, Frederico.

— Então, meu pae, consente?...

— Tambem não disse tanto, minha filha. Ouçam-me, que vou dar-vos a minha resposta definitiva. Adelaide, tu tens apenas 19 annos, e como até aos 20 annos ainda se não passa por velha, creio que podes esperar até lá sem risco de perderes casamento. Quanto a vós, Frederico, não é impossivel que sejaes favorecido por um dos acasos em que vos fallei ainda agora; trabalhae, pois, com animo, triumphae, e d'aqui a um anno consinto que me renoveis o pedido que esta noite me fizestes.



O furão e o tourão

Com um anno de espera, para obter a mão de Adelaide, e a condição, unica, de fazer uma peça que fosse applaudida, retirou-se Frederico muito esperançado e ufano.

II

Tres mezes depois d'esta conversação, Frederico enrolava com amor verdadeiramente paternal, o nitido manuscripto que o seu copista lhe tinha mandado. Depois dirigiu-se a passo accelerado, e radiante de esperanças, caminho do theatro a que destinára o fructo precioso das suas vigilias.

Apesar d'esta confiança, mui natural em auctor de um trabalho consciencioso, não foi sem abalo que Frederico se chegou ao porteiro, e lhe rogou tivesse *a extrema bondade* de o annunciar ao director.

Não previra elle a impossibilidade material que tem um bom director de dar audiencia aos milhares de *talentos incognitos* que vagam pelas ruas de Paris, de manhã até á noite, com a cabeça tão cheia de vaidade, como a carteira vasia de obras que se leiam.

Grande foi o desgosto de Frederico quando voltou o porteiro, e lhe disse que o director estava muito occupado, e não podia recebel-o. Maior foi, sobre tudo, o pesar de ter estudado em vão um magnifico exordio, a que elle prophetisava um triumpho decisivo.

Cedeu tristemente ao convite que se lhe fizera de deixar o seu manuscripto, e retirou-se para casa, com o coração opprimido, e o espirito abatido.

Passados quinze dias, foi-lhe devolvido o manuscripto, intacto, acompanhado da seguinte carta:

« Senhor. Achei que a obra que tivestes a bondade de me confiar contém ditos mui chistosos, scenas bem delineadas, enredo bem conduzido, os caracteres desenhados com engenho; mas infelizmente, o assumpto não me parece corresponder ao merito da execução, e com quanto muito deseje ser-vos agradavel... »

Frederico não quiz concluir a leitura de tal carta. Amarrotou-a com violencia, e deitou-a no lume. Em vista d'este primeiro revez, fechou-se um mez no seu quarto, desesperado, e consumindo-se em lamentações. Depois, quando lhe passou a colera, começou a fazer estas sensatas reflexões: que o voto de qualquer director não é sentença sem appellação; e que, por um theatro se lhe fechar, não deixavam de ficar alguns vinte que não recusariam abrir-lhe a porta.

Poz-se a caminho, e fez nova entrega do seu manuscripto, o qual lhe voltou, como da primeira vez, perfeitamente intacto.

A carta que o acompanhava, era assim concebida:

«Senhor. Remetto a peça que vos dignastes confiar-me, a qual julgo tão interessante como original; infelizmente a execução não me parece corresponder á originalidade do argumento; os caracteres são incompletos, o enredo frouxo, e as scenas sem nexo provam uma grande inexperiencia de theatro; em summa, não julgo que a vossa peça, como se acha, esteja no caso de se representar. É pois com vivo pesar etc.»

D'esta vez Frederico encolerisou-se, mas não desanimou; a contradicção das duas cartas, e o aceio do seu manuscripto, provaram-lhe evidentemente que não havia sido lida por nenhum dos directores. Por consequencia julgou-se auctorisado a guardar a sua obra para melhor occasião; mas ao mesmo tempo ficou convencido de que só o acaso lhe poderia dar bom exito, como bem lhe havia prognosticado Evaristo.

Ora, como as probabilidades do acaso estão na razão do numero de tentativas, tomou Frederico a inabalavel resolução de não descançar senão depois de todas ellas frustradas. A sua peça, dez vezes recambiada, transformada, como novo Protheo, ora em comedia, ora em opera-comica e farça, voltou-lhe outras tantas vezes, acompanhada de recusas cortezes, desculpas delicadas, e sempre sem ter padecido a menor alteração em quanto á pureza virginal das suas folhas.

Frederico já perguntava a si proprio se o acaso não era uma chimera. Tinha sido repellido por todos os directores, excepto um; e este, tendo provido o seu theatro por uma escriptura com o auctor mais fecundo e de maior celebridade da epocha, só podia ser considerado como unica taboa de salvação. Todavia Frederico apresentou-se em casa d'elle para descargo de sua consciencia. Admirou-se de o não perturbar a presença d'este ultimo juiz; conduziram-n'o á sua ante-sala, é pediram-lhe que esperasse alguns instantes.

Este começo pareceu a Frederico de bom auspicio.

— Chegará agora o meu acaso? — exclamou elle respirando mais satisfeito, com o coração algum tanto reanimado por um raio de esperança.

Abriu-se a porta; o director saiu do seu gabinete, acompanhando um sujeito a quem dizia:

— Silvestre póde estar completamente descançado, a sua peça não estará meia hora no meu escriptorio; ámanhã o copista tirará os papeis e já terei feito a distribuição. Recommendae ao nosso caro amigo que se póde demorar nos banhos todo o tempo necessario, e cuidar na sua saude, tão preciosa para o nosso theatro; que lhe não dê cuidado os ensaios, nem as difficuldades que podem sobrevir na commissão de censura, nem do titulo definitivo da peça, visto não estar satisfeito com o que provisoriamente adoptou; antes de eu ser director, fui seu collaborador; póde fiar-se em mim para tudo mais.

Ainda continuaram, mas os dois interlocutores seguiram pelo corredor fóra, e Frederico não ouviu mais nada.

— Que feliz mortal é este Silvestre! murmurou o nosso joven auctor olhando com tristeza para o rolo que tinha na mão; o director nem ao menos se dá ao trabalho de lhe ler as peças; tem anticipadamente a certeza de que são obras primas. É verdade que tambem não lê as minhas; o destino é que é differente: a peça de Silvestre irá á scena brevemente, estribada nos reclamos; e a minha será sepultada ignominiosamente no fundo de uma gaveta... E isto sem julgamento!... E uma injustiça atroz!

Frederico, olhando para o interior do gabinete, sentia duplicar-se-lhe o despeito, vendo sobre a secretária do director o manuscripto ainda enrolado e atado:

— Eis alli, proseguiu elle exasperando-se, eis alli a obra prima tão enthusiasticamente recebida! Mas, se eu a houvesse trazido, eu pobre desconhecido! não acharia elle phrase assaz humilhante para m'a rejeitar, ao passo que a minha peça posta em logar d'ella seria, graças á prevenção, lida com enthusiasmo pelo director, aprendida com zelo pelos actores, recebida com applauso do publico, que talvez ratificasse a confiança dos actores e director... Oh! se eu quizesse agora desenganar-me de que uma substituição era possivel!... E porque não?... estou só... ninguem me vê... não tenho nada a receiar... No dia em que se tornasse necessaria uma explicação, seria o director que por uma inadvertencia se enganára... Quanto á peça de Silvestre, será representada um pouco depois... nada de hesitar: para uma situação extrema, meios extremos.

Frederico entrou resolutamente no gabinete, poz a sua peça sobre a secretária, e pegou na de Silvestre. Depois voltou á ante-sala onde esperou o director, a quem apresentou a peça de Silvestre como sua. Depois de uma breve audiencia de simples civilidade, retirou-se, deixando um bilhete com o seu nome e morada.

Que indignação e que prazer, simultaneamente, experimentára elle, por se haver introduzido a occultas no gabinete!

O nosso director, enganado pela troca das peças, juntou á de Silvestre o bilhete de Frederico, arremessando-a com desdem para uma gaveta, verdadeira valla commum da joven litteratura. Depois desenrolou a peça de Frederico, para sem perda de um minuto, saciar a avidez de a ler!

— Que magnifico estilo, e que veia comica! exclamava elle depois da leitura de cada scena, de cada pagina; que situações tão novas, e de tão seguro effeito!... E como o enredo se desenvolve, se complica, e se desenlaça naturalmente! Será possivel imaginar um dialogo mais animado, peripecias mais dramaticas e graciosas?... Ah! mas que me escreve este amigo Silvestre!... o titulo improprio!... e eu digo que é completo, mais que completo, tambem é satyrico, e que figurará maravilhosamente no cartaz. É uma obra magistral; são duzentos mil francos para o theatro... Vamos! actividade; é mister que a representação se effectue em tres semanas.

Tres semanas depois, um pomposo reclamo, em todos os jornaes, convidava o publico parisiense á primeira representação de uma nova e magistral composição do fecundo auctor dramatico M. Silvestre.

No mesmo dia, um moço do theatro, trazendo a verdadeira peça de Silvestre, apresentava-se em casa de Frederico com uma carta, a qual dizia, que a vulgaridade do argumento e a incorrecção da linguagem tornavam impossivel a acceitação da sua peça.

III

Chamado inopinadamente a Paris, por um negocio importante, Silvestre chegou quando o povo affluia ao

theatro. Como houvesse lido o reclamo, de que já fallámos, animou-se a assistir occultamente á primeira representação de uma obra sua. Para isto lhe tinha a administração facultado a chave de um camarote.

Em quanto Silvestre abria a porta do camarote, viu um mancebo muito inquieto, andar pelo corredor pedindo a todos os porteiros um logar desoccupado, sem que o podesse obter.

— Isto é indigno, exclamava elle, vejo sentarem-se muito á sua vontade as pessoas que trazem bilhetes de graça, e eu que comprei o meu, fico á porta da superior, atrás de cinco ou seis pessoas que estão no mesmo caso! Isto não póde ser; quero ver e ouvir á minha vontade, que tenho direito a isso. Quem me ceder um logar, ainda que seja de terceira classe, e dos mais pequenos, dar-lhe-hei cincoenta francos se quizer.

Silvestre, vendo um espectador tão enthusiasmado, quiz gozar os seus applausos, ou ouvir as observações que elle fizesse.

E, dirigindo-se a elle, offereceu-lhe com empenho um logar no seu camarote, que o desconhecido acceitou com empenho não somenos.

Este individuo era Frederico. Apenas ambos os espectadores haviam feito os seus comprimentos, quando o panno se levantou; tornaram-se logo silenciosos e attentos; a mesma anxiedade se notava no seu olhar fito na scena. Este accordo de physionomias não durou muito.

A surpreza e enleio revelaram-se na de Silvestre; abria muito os olhos; escutava com todos os sentidos; e batia na testa como para se recordar.

Qual era o enredo? Onde se passava a acção? Eram as situações que havia traçado, as scenas que tinha escripto? Do que os actores declamavam não reconhecia sequer uma phrase. Presentia em tudo isto um mysterio, cuja explicação desejava obter a todo o custo. A explicação ia procural-a á caixa do theatro, quando ao levantar-se, o deteve a vista do seu visinho, no qual notou, duplicadamente surprehendido, os indicios da mais viva agitação.

Estava Frederico muito inclinado para diante, e com a cabeça estendida fóra do camarote: empallidecia e córava vinte vezes por minuto; ora ouvia attentamente, reprimindo a respiração como se receiasse perturbar a attenção do publico, ou perder uma palavra sequer das que o actor dizia; ora lançava os olhos pela platéa superior, camarotes e galerias; o rosto ora se mostrava sereno, ora inquieto, segundo o que se applaudia ou se ouvia em silencio. Finalmente, quando um actor se enganou, levantou-se indignado, deixando-se depois caír sentado, dizendo:

— Ah! malvado! assassinas-me, deitas-me tudo a perder!

— Que vos aconteceu? lhe perguntou Silvestre, não podendo já conter a sua admiração.

— O que me aconteceu! respondeu Frederico; estou sendo martyrisado; ha alli um galan que não sabe uma palavra do papel, e que vae comprometter o exito da peça... Bonito! agora é a ingenua que representa com uma frieza brutal!... E o pae que não entra!... a situação perde-se!... o publico está inquieto... Agora... decidiu-se a final... foi bem!

A admiração de Silvestre tinha chegado ao seu auge.

— Pareceis tomar um vivo interesse pelo destino d'esta peça?

— Daria dez annos de vida pelo bom exito d'ella.

— Permitti-me que ache o sacrificio um tanto exaggerado.

— Ah! senhor, que são dez annos em troca da felicidade e da gloria?

Silvestre olhou Frederico com admiração indizivel.

Todavia, refletindo, comprehendeu que poderia por aqui devassar o mysterio que tanto desejava descortinar. Apertou com Frederico, visto que o seu estado febril o predispunha para confidencias, o qual lhe fez, sem muita difficuldade, a narração singela e circunstanciada do seu ardil.

Apenas concluiu a historia, estrondosos applausos retumbaram, e taes que parecia vir abaixo a sala. Era a situação final do primeiro acto que provocava este enthusiasmo.

A alegria e a dor extremas produzem os mesmos effeitos; sentiu-se Frederico desfallecer, e, quando os applausos recresceram, caiu sem sentidos nos braços de Silvestre.

Este chamou um porteiro.

— Venha soccorro depressa, disse elle; basta um pouco d'agua fria; este desfallecimento é resultado de um abalo passageiro que não tem perigo nenhum. E depois de deixar Frederico entregue ao porteiro, saiu.

Entretanto começou o segundo acto; a peça estava *salva*, como se diz em phrase de bastidor; era uma serie não interrompida de palmas e bravos; o desenlace transportou o auditorio, que rompeu em vozes unanimes chamando o auctor.

Frederico, curado da indisposição, voltára ao camarote, aonde assistia, sósinho, ao triumpho da sua peça; tinha recuperado completamente as forças; mas quando viu levantar-se o panno, e que o actor avançava resolutamente para proclamar o nome do auctor, roubando-lhe a sua mais bella corôa, sentiu-se sem animo para affrontar esta prova, e levantou-se para saír. Mas era tarde; acabava de ouvir um nome... e, para cumulo de surpreza e alegria, esse nome pronunciado por uma voz retumbante, esse nome que o publico transportado victoriava com salvas de applausos, era o seu!

N'este momento, abre-se a porta do camarote; Silvestre toma Frederico pelo braço, e sem lhe dar tempo para o reconhecer, leva-o á caixa do theatro, aonde por segunda vez esteve quasi desmaiado, entre os abraços do director e de todos os artistas que haviam entrado na peça.

A conclusão d'esta historia facilmente se adivinha. Evaristo não teve duvida em conceder a mão de Adelaide a Frederico, que é hoje cavalleiro da legião de honra, auctor da moda, e terá brevemente uma cadeira na academia.

E digam então que o habito não faz o monge!

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

(Vid. pag. 239)

Antes de darmos o extracto promettido, cumpre rectificar uma asserção feita no segundo periodo do artigo passado, a qual por descuido de revisão saiu menos verdadeira. Diz-se alli, que os nossos diccionarios não trazem a palavra ápas. Trazem-na todos, desde Bluteau para cá. O que haviamos escripto era, que não vinha *bem definida*, o que se omittiu na impressão. E asseverámos não vir bem definida, porque os diccionarios dizem: *Apa: bolo de farinha de arroz*. Repetem o que leram em Bluteau. Ora na Ethiopia, pelo menos no tempo a que nos temos referido, não se cultivava o arroz. E o moderno viajante inglez, que deu motivo ás confrontações que temos feito com os nacionaes, enumerando todos os grãos de que os abyssinios ou abexins fazem pão, não falla do arroz. Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental* diz explicitamente:

«Todas estas terras (as do Preste João, onde es-

teve onze annos por missionario) são mui abundantes e fartas de trigo, cevada, milho, e de *tafo e guça*, sementes que não conhecemos, mas de que elles fazem pão.»

Conferido isto com a explicação do que eram ápas, e de que farinhas se faziam, dada por Balthasar Telles, já transcripta, e tambem com a descripção de Parkyns que traduzimos a pag. 220, se vê que é errada a definição dada pelos nossos diccionarios, de que *ápa é bolo, ou pão de farinha de arroz*.

Feita esta indispensavel rectificação, passemos já a dar o extracto do precioso livro do padre Francisco Alvares, a respeito das comidas da gente d'aquella parte da Ethiopia.

Conta elle, que chegára com o embaixador D. Rodrigo de Lima, cujo capellão era, ao reino de Angote, no imperio do Preste João, e que o rei d'aquelle paiz, chamado Angotoraz, os convidára a jantar.

Foram n'um sabbado ficar a casa do tal Angotoraz, para no domingo, depois da missa, lá jantarem.

Eis como elle conta a entrada do embaixador em casa d'este reizéte:

«Achámol-o em seu estrado com sua mulher, e pouca gente com elle. Não tivemos detença na entrada, sómente como em casa de qualquer homem. O apparato, rosto e gasalhado, tudo redundava em beber. Tinha ácerca de si quatro jarras grandes de vinho de mel mui bom, e cada jarra uma copa de vidro cristallino. Começámos a beber, e sua mulher e outras duas que com ella estavam nos ajudaram bem. Não nos quizeram deixar até se não acabarem as jarras, e tal é seu costume. E cada jarra levava bem seis ou sete canadas.»

«Ao outro dia, no fim da missa, nos convidou que fossemos jantar com elle, o qual jantar aceitámos; porém mandou o embaixador levar o nosso jantar assim como estava, que eram gordas gallinhas assadas, e gorda vacca cozida, com boas couves, e isto mandou o embaixador levar porque as comidas d'elles não são como as nossas.

Foi o jantar d'esta maneira: em casa grande e terrea, e diante do catre onde estava sentado o Angotoraz, estavam muitas esteiras estendidas. Abaixou-se elle do catre e assentou-se nas esteiras, e sobre ellas pozeram pelles de carneiros pretos, e sobre estas, duas bandejas de limpar trigo, a que elles chamam gunetas, as quaes eram formosas, grandes e muito largas; não tem de borda mais de dois dedos; a maior d'estas tinha dezeseis palmos de roda, e a outra quatorze palmos: estas são as mesas dos grandes senhores. Todos nos assentámos de redor com o Angotoraz. Veiu a agua e lavámo-nos, e não veiu toalha para limpar as mãos, nem menos para pôr pão sobre ella, senão nas mesmas gunetas. Veiu o pão de diversas maneiras, a saber: de trigo, cevada, milho, grãos e de tafo. Antes que começassemos de comer, mandou o Angotoraz pôr ante si bolos d'aquelle pão somenos, e sobre cada bolo uma posta de carne crua, e tambem assim a mandava dar aos pobres que estavam fóra da porta. N'isto fizemos a benção a nosso uso, de que o Angotoraz amostrou muito contentamento, e vieram as iguarias, e foram estas: tres salsas ou potagens, que bem se podia dizer salsa de Palmella, com um dente d'alho e outro não sei de que. N'estas potagens entrava lixo de vacca, e o fel, que n'esta terra hão por muito estimado manjar, e o não comiam senão grandes pessoas. Estas salsas vinham em salseirinhas pretas bem feitas; deitavam n'estas salsas o mais somenos pão esmigalhado, e manteiga com elle. D'estas potagens não quizemos nós comer, e mandou o embaixador vir o nosso comer, que tinhamos muito bem feito, porque não podiamos comer suas viandas nem elles das nossas. O vinho era a rôdo. A mulher do Angotoraz comia junto de nós com uma cortina em meio, com similhante mesa ás nossas. Comia das suas viandas, e lhe davam das nossas. Não sei se as comia, porque era entre nós e ella a cortina; a beber bem nos ajudava! Sobre todas as iguarias veiu um peito de vacca crua, e nós não o provámos. Comeu o Angotoraz d'elle como quem come massapães ou outras boas iguarias sobremesa. E assim démos fim ao jantar e graças a Deus, e nos fomos para nossa pousada.»

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS ESCUSADOS

Do numero dos gallicismos, escusados são, o substantivo *detalhe*, o verbo *detalhar*, o adverbio *detalhadamente*, e a locução adverbial *em detalhe*.

Com offensa da pureza da nossa lingua, e affronta da sua indole, opulencia e propriedade, andam estes gallicismos desafforadamente usurpando o logar dos vocabulos nacionaes, que os temos até em duplicado para cada uma d'aquellas idéas. Vejamos:

Detalhe. Temos relação, narrativa, enumeração, individuação, particularidade, minudencia, accessorio, accidente, etc.

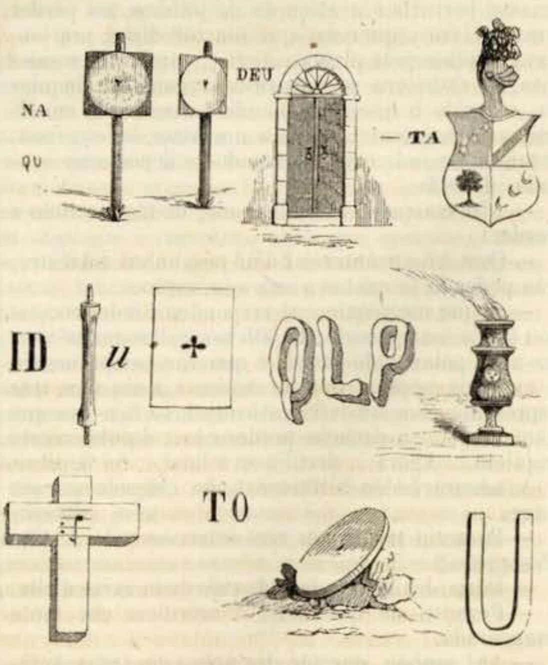
Em vez de dizermos afrancezadamente: os *detalhes* da acção, do successo, da pintura, etc., digamos portuguezmente: os pormenores, as particularidades, os accessorios, os accidentes, etc.

Detalhar. Temos para este unico verbo francez muitos nossos, taes como: especificar, particularisar, circunstanciar, individuar, referir por menor, miudar, etc.

Detalhadamente. Para este adverbio temos: miudamente, por partes, circunstanciadamente, por menor, por extenso, etc.

Em detalhe. Em vez d'esta locução adverbial, temos as mesmas que servem para o adverbio, e tambem: ponto por ponto, peça por peça, por miudo, a retalho, em lotes, em logar de: vender *em detalhe*, como, á franceza, se costuma nos annuncios.

ENIGMA



Explicação da Charada do n.º 31 — Promontorio

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.